

Gilberto Freyre e a Elite Senhorial Pernambucana

Marcos Alexandre de Moraes¹ (UFAL)

Resumo:

Nos mais diversos períodos da sociedade pernambucana, no transcorrer das gerações, nas múltiplas expressões estéticas, com excelência na pintura e na literatura, foram os descendentes diretos das casas-grandes e dos sobrados patriarcais que escreveram alguns de seus capítulos mais importantes. Desta elite tradicional açucareira, saíram não só os políticos, os diplomatas e os notórios juristas, mas também as principais “penas e pincéis” que povoaram as bibliotecas, as academias de letras e os museus.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, literatura pernambucana, regionalismo.

1 Introdução

Gilberto Freyre é a maior prosa brasileira. Vai desde Casa Grande & Senzala ao artigo mais insignificante que ele escreveu.
João Cabral de Melo Neto

Conta-se que um pequeno burguês, morador dos subúrbios cariocas, no início do século XX vivia apregoando a superioridade literária de Lima Barreto sobre Machado de Assis. Como o fundador da Academia Brasileira de Letras, com uma obra imponente nos vários gêneros, sempre foi uma unanimidade nacional, o defensor do talentoso Lima Barreto acabou arrumando algumas inimizades. Já no seu leito de morte, teria algo importante a confessar: nunca lera nenhum dos dois.

É com esta história provocativa e hilariante que José Guilherme Merquior, um dos mais sofisticados pensadores da cultura brasileira recente, começa o ensaio *Gilberto e depois*, afirmando que entre os defensores e detratores do Mestre de Apipucos poucos leram profundamente a sua obra.

É possível que nestes tempos de estudos culturais, pós-modernidade e fragmentações, Gilberto Freyre seja, ao lado de nomes como Monteiro Lobato, um dos escritores mais perseguidos pelos defensores da literatura politicamente correta, ou seja, de uma releitura que se pauta por parâmetros atuais e muito particulares do cânone. Mas também é possível, ou para não dizer quase certo, que estes nunca leram corretamente Gilberto Freyre ou mesmo não se deixaram embalar pelo prazer da sua escrita, ficando na inquirição da veracidade histórica dos fatos. Por certo, se esquecem que muito maior do que o sociólogo foi o escritor.

Com nomes como o de Gilberto Freyre, poucas cidades da América Latina podem orgulhar-se de seu patrimônio estético como o Recife. Ao mesmo tempo, esta história só pode ser contada, como outras histórias da literatura e da arte universal, a partir de alguns seletos nomes que definem os seus modelos e estabelecem o seu cânone.

Já o filósofo espanhol Ortega y Gasset mencionava esta elite diretiva que seria responsável pelo perfil de uma geração. Esta teoria geracional, que Eduardo Mateo Gambarte considera conservadora por ignorar a força das massas no destino histórico, não deixa de ser constatada através de todo o ato judicativo que fazemos na crítica estética.

O estado de Pernambuco tem sido muito particular neste sentido. Rico em histórias de revoluções, é ao mesmo tempo um dos mais arraigados à tradição, sobretudo no que diz respeito à sua literatura.

Por isso, compreendemos como figura modelar o escritor Gilberto Freyre (1900-1987). O autor de *Casa grande & senzala* não só é o maior intérprete do processo de formação da sociedade

brasileira, em particular da pernambucana, como ele mesmo se reveste do modelo da elite do Estado, a qual vem protagonizando a história da sua própria arte.

Assim, Gilberto Freyre funde no escritor e no homem uma compreensão global da sociedade pernambucana. A sua obra e a sua pessoa funcionam, pois, como uma espécie de senha através da qual se pode vislumbrar esta tradição.

Com uma escrita que não transitava pelo tradicional modelo científico europeu, Gilberto Freyre é dono da mais representativa obra antropológica brasileira, na qual apresenta, sobretudo, o complexo processo de formação miscigenada da sociedade, à luz do patriarcalismo.

No ensaio *Uma introdução à “Casa-grande & senzala”*, Darcy Ribeiro (1922-1997) compara, no plano cultural brasileiro, a obra de Freyre à de Camões (1524-1580), em Portugal, e à de Miguel de Cervantes (1547-1616), em Espanha. A força do estilo de Gilberto Freyre e o conhecimento aberto do Brasil que a sua obra trouxe levou o indianista a afirmar que “*Casa-grande & senzala* é o maior dos livros brasileiros e o mais brasileiro dos ensaios que escrevemos”. (RIBEIRO, 2001, p. 11) E acrescenta: “façanha da cultura brasileira, creio que poderíamos passar sem qualquer dos nossos ensaios e romances, ainda que fosse o melhor que se escreveu no Brasil. Mas não poderíamos passar sem *Casa-Grande & Senzala*”. (RIBEIRO, 2001, p. 12)

É claro que a caracterização geral da colonização portuguesa, da formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida, se aplica às mais diversas regiões nacionais, a exemplo do sudeste cafeeiro, mas foi o Nordeste, e especificamente Pernambuco, que povoou o imaginário do Mestre de Apipucos, com os seus emblemáticos engenhos de açúcar, com a sua sociedade patriarcal cristã e com o seu clima tropical, hostil para o colonizador europeu, mas para o qual o português, em particular, já estava preparado, graças à presença em África.

O que suscitou espanto à comunidade literária brasileira de 1933, e de certa forma à atual, foi que uma obra tão inovadora ou explosiva tenha nascido no seio da própria aristocracia açucareira pernambucana ou vindo de alguém tão comprometido com este mundo tradicionalmente conservador como Gilberto Freyre. Nunca no Brasil um livro de ciências houvera sido escrito com uma tonalidade tão prosaica e tão descomprometida com o academicismo. Nunca, em mais de quatro séculos de história, a sociedade brasileira fora tão desnudada e apresentada em seus costumes nas mais diversas ordens e tudo isto por alguém que tivera uma educação refinada, com estudos no exterior, e, sobretudo, que era descendente direto da fidalguia do açúcar.

Mas, como explicaria Darcy Ribeiro, “o ser antropólogo permitiu a Gilberto Freyre sair de si, permanecendo ele mesmo, para entrar no couro dos outros e ver o mundo com olhos alheios”. (RIBEIRO, 2001, p. 14) Desta forma, Gilberto Freyre é “senhorial, branco, cristão, adulto, maduro, sem deixar de ser o oposto em outros contextos, ao se vestir e se sentir branco, escravo, herege, índio, menino, mulher e efeminado”. (RIBEIRO, 2001, p. 14)

Não é a representação fidedigna da realidade que faz de *Casa grande & senzala* uma espécie de épico nacional sem heróis. Longe de ser uma obra politicamente correta, é muito questionada pela visão tantas vezes pitoresca e tantas vezes disforme dos tipos, como em certas apresentações do indígena brasileiro, associado a uma fraqueza anímica e à vida sedentária. Mas é justamente esta sobreposição da personalidade literária do autor à história que faz com que *Casa grande & senzala*, ao modo de *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1866-1909), ascenda ao patamar das grandes obras literárias escritas em língua portuguesa.

É interessante ver como Gilberto Freyre associa este contexto socio-cultural, em toda a sua complexidade — o universo particular e patriarcal do engenho de açúcar, modelo económico que predomina no Nordeste brasileiro, de 1600 a 1800, e que, de certa forma, ainda guarda validade ou repercute nos dias atuais —, à arquitetura da casa-grande. Cenário da vida do senhorial brasileiro, do homem branco concentrador do poder e dono do destino dos que estão em sua volta, a casa-grande, ladeada pela senzala, é, para Gilberto Freyre, o marco na formação de uma identidade cultural pernambucana, nordestina e brasileira.

Minucioso em sua narrativa, tantas vezes intimista e coloquial, parecendo avesso às metodologias mais positivistas, o sociólogo pernambucano compreende que é pela rotina de um

povo que se pode extrair o seu entendimento e não por um fato histórico importante ou vultuoso isolado. Daí compreender na vida senhorial da casa-grande, não só o exemplo de concentração de riqueza e poder do Brasil colonial, mas também o alicerce profundo de uma nova expressão cultural:

A casa-grande venceu no Brasil a Igreja, nos impulsos que esta a princípio manifestou para ser dona da terra. Vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos. (FREYRE, 2001, p. 50)

Com requintes de um escritor naturalista, ora com ironia, ora com certa perversidade, com *Casa-grande & senzala* Gilberto Freyre causará polêmicas, simultaneamente, no mundo literário e científico brasileiro e na sociedade como um todo. Neste gigantesco painel socio-cultural que é *Casa grande & senzala*, Gilberto Freyre carrega na sensualidade, na descrição dos corpos, nas práticas sexuais libertas dos trópicos que fizeram do Brasil um sucesso, um exemplo democrático no tocante à miscigenação.

Apesar de reconhecer o poder da cana do açúcar de arrasar tudo à sua volta — “o açúcar não só abafou as indústrias democráticas (...) como esterilizou a terra, numa grande extensão em volta dos engenhos de cana, para os esforços de policultura e de pecuária” (FREYRE, 2001, p.46) —, Gilberto Freyre não deixa de ter um certo saudosismo deste tempo, em que o senhorial brasileiro do qual descende, simbolizado pela casa-grande, com ou sem armoriados, reinava no Nordeste brasileiro.

O estilo de Gilberto Freyre, instituído com *Casa grande & senzala* — texto fundador da Tropicologia, revela uma dupla natureza, pois inscreve o teórico e o empírico, ao apresentar pormenorizadas descrições e análises sociais em torno da arquitetura patriarcal da América Lusitana - só seria possível com o engenho e a arte de dois mundos. Na verdade, o menino de educação refinada, iniciado nos clássicos ibéricos e latinos, paixão paterna, é o mesmo *ioiozinho* que cresceu ouvindo antigas histórias e lendas na sua casa de ex-escravos alforriados, muito dos quais permaneceram na casa dos seus ex-senhores, cativos então agora por laços afetivos e econômicos.

Quando regressou ao Recife, em 1923, graduado pela Universidade de Colômbia, mesmo estando plenamente informado sobre as várias correntes modernistas na Europa e Estados Unidos, Gilberto Freyre assistiu, com reservas, às manifestações iconoclastas do modernismo brasileiro, iniciadas com a Semana de Arte Moderna de 1922. A sua modernidade não era a de Mário de Andrade (1893-1945), mas sim a de um James Joyce (1882-1941), a de um William Butler Yeats (1865-1939).

Na capital pernambucana, organizou o Centro Regionalista do Nordeste e o Congresso Regionalista, em 1924 e 1926 respectivamente, na defesa dos valores da região em oposição ao Movimento Modernista. Tais iniciativas dariam o lastro teórico para que emergisse uma outra modernidade literária, com um novo estado de consciência regional. Freyre viria a ser, como indica Eduardo Portela (1932), “o criador, o grande arquiteto com muito de visionário, desse comportamento romanesco que se tornou conhecido como o Romance Regionalista Nordestino.” (PORTELLA, 1962, p. 576)

A repercussão da obra germinal de Gilberto Freyre exprime-se numa série interminável de reedições e inúmeras traduções (em inglês, francês, alemão, espanhol, italiano, húngaro, romeno, polaco e mesmo japonês), o que não reflete, na opinião do autor, uma superioridade sobre aquilo que considerava uma série complementada por *Sobrados e mucambos* (1936) e *Ordem e progresso* (1957).

Quando este ciclo de predominância do engenho do açúcar — narrada com intimidade pelo mais inglês dos pernambucanos, esta antropologia colonialista que adentra pelos alpendres e salas do senhorio branco e chega à senzala, verdadeira produtora da riqueza colonial — deu sinais de decadência e começou a alterar-se, trouxe consigo um novo contorno social e uma nova paisagística.

Na travessia para uma sociedade urbanizada, Gilberto Freyre desloca o enredo do senhor de engenho protetor para o usineiro capitalista; dos escravos para os párias das usinas; da casa-grande para os sobrados, e da senzala para os mucambos. Entretanto, o cerne patriarcal pernambucano da casa-grande manter-se-ia. Esta alteração urbanística em pouco alteraria a relação de poder ou as diferenças entre ricos e pobres, brancos e negros. A decadência do modelo de patriarcado rural, face ao procedimento de urbanização, clarificou até os desajustes sociais.

Sobrados e mucambos é o segundo ensaio dedicado à reconstituição e à interpretação do patriarcado brasileiro. Gilberto Freyre propunha, ainda, completar a série com mais dois ensaios: *Ordem e progresso*, um estudo da transição do trabalho escravo para o livre, que coincide com a desintegração das sociedades patriarcal e semi-patriarcal, e *Jazigos e covas rasas*, o livro perdido de Gilberto Freyre.

Uma vez mais, a moradia, a arquitetura de habitação, agora o sobrado, muito mais do que o mucambo, será o marco de reconstituição e interpretação antropológica de Gilberto Freyre, a janela pela qual uma sociedade se desnuda e, ao mesmo tempo, se identifica. Em verdade, *Sobrados e mucambos*, ou a saga de descrever a família patriarcal oitocentista, era o projeto original de Gilberto Freyre que, no entanto, percebeu ser indispensável estudar a sua gênese no período colonial.

A verdade, entretanto, é que a casa-grande, sob forma de “casa nobre” de cidade ou de sobrado antes senhoril que burguês, em contato com a rua, com as outras casas, com a matriz, com o mercado, foi diminuindo aos poucos de volume e de complexidade social. (FREYRE, 2000, p. 183)

Em Gilberto Freyre — o neto do senhor de engenho, o morador dos sobrados, que, além de sociólogo, antropólogo, foi artista plástico, romancista e poeta — representa-se uma espécie de elite cultural do açúcar nordestino, uma aristocracia reminescente das casas-grandes com a qual podemos identificar alguns dos nomes mais importantes da cultura pernambucana.

Assim como os sobrados, a grande arte pernambucana — aquela que tem transcendido a dimensão folclórica e atingido o estatuto das grandes obras canônicas — é antes senhorial do que burguesa. Com efeito, tem os alicerces numa tradição de homens profundamente ligados à terra.

Numa sociedade em que, excetuando o período de Maurício de Nassau (1604-1653), praticamente inexistiu o mecenato, os artistas teriam de ser forjados pela própria aristocracia senhorial, descendente do engenho de açúcar patriarcal, pelos poucos afortunados que tiveram uma educação sólida com estudos de artes, ciências e línguas. Alguns deles saíram em busca de estudo e de aventura no Velho Continente, onde tomaram conhecimento, não só das técnicas dos antigos mestres europeus, dos movimentos estéticos vigentes e das vanguardas, mas também da boêmia e do ócio das grandes metrópoles.

Os expoentes Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre e João Cabral de Melo Neto não vieram da burguesia recifense, à semelhança do que aconteceu com uma série de nomes tão aclamados das ciências, das artes e das letras pernambucanas. Mesmo sendo um Estado particularmente profuso em literatura, música, dança, enfim, em cultura popular, permaneceu, paradoxalmente, elitista e senhorial.

Entre os consagrados nomes da arte e literatura pernambucana, não aparece um Machado de Assis (1839-1908) — filho de um mulato, Francisco José de Assis, que tinha por ofício pintar paredes e era descendente de escravos alforriados — ou um Aleijadinho - Antônio Francisco Lisboa (1739-1814), ícone do barroco de Minas Gerais e a figura mais imponente do período colonial brasileiro, também mestiço, filho de um mestre-de-obras português, Manuel Francisco da Costa Lisboa, com uma escrava.

Nos mais diversos períodos da sociedade pernambucana, no transcorrer das gerações, nas múltiplas expressões estéticas, com excelência na pintura e na literatura, foram os descendentes diretos das casas-grandes e dos sobrados patriarcais que escreveram os seus capítulos mais

importantes. Desta elite tradicional açucareira, saíram não só os políticos, os diplomatas e os notórios juristas, mas também as principais penas e pincéis que povoaram as bibliotecas, as academias de letras e os museus.

Assim, não só os ícones já citados, Joaquim Nabuco, Gilberto de Melo Freyre e João Cabral de Melo Neto — que guarda parentesco com o próprio Gilberto Freyre —, mas também Oliveira Lima (1867-1928), a quem Gilberto Freyre chamava mestre e sublinhava o emblemático sobrado em que nasceu, na Rua da Soledade, no coração do Recife; Cícero Dias (1907-2003), nascido no engenho Jundiá, no município de Escada, Zona da Mata pernambucana e que, em 1937, se fixou em Paris, sendo ali uma espécie de cicerone dos artistas e intelectuais pernambucanos que visitavam a então capital cultural europeia; Lula Cardoso Ayres (1910-1987), filho do usineiro João Cardoso Ayres, dono da Usina Cacau e conhecido na região como o “Rei do Açúcar”, que tantas ilustrações fez para Gilberto Freyre e ao qual o Mestre de Apipucos dedicou belos ensaios; Ariano Suassuna, filho do ex-governador da Paraíba João Suassuna (1886-1930), o criador do Movimento Armorial; e autores como Deborah Brennand (1927) e Marcos Accioly (1943), para contemplar a plêiade com um poeta da geração 65, que compõem uma elite senhorial pernambucana.

Como representação simbólica desta arte senhorial, notadamente na literatura, podemos ver a presença de escritores pernambucanos na Academia Brasileira de Letras, instituição que, ao longo de mais de um século, mesmo tendo algumas polêmicas entre seus imortais, não deixa de ser a maior insígnia das letras nacionais.

Neste sentido, a bancada pernambucana sempre foi uma das mais representativas entre os Estados da Federação. Assim, teríamos uma plêiade de nomes como Joaquim Nabuco (1849-1910), Oliveira Lima (1867-1928), Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000), João Cabral de Melo Neto (1920-1999), Martins Júnior (1860-1904), Manuel Bandeira (1886-1968) e Mauro Mota (1911-1984), entre outros; além de figuras que, mesmo não sendo pernambucanas, tiveram ao menos parte de sua formação e produção intelectual em Pernambuco, como o cearense Araripe Júnior (1948-1911), o sergipano Sílvio Romero (1851-1914) e o paraibano Ariano Suassuna. Muitos deles tiveram uma espécie de dupla imortalidade, pois também pertencem à Academia Pernambucana de Letras.

Algumas destas figuras são representativas desta elite social que, por extensão, como já vimos, se reproduz de uma maneira muito particular no campo intelectual brasileiro, marcadamente nas artes literárias. A literatura emerge como insígnia desta arte senhorial. Todos eles se mostram criadores profundamente telúricos, todos eles profundos conhecedores das raízes nordestinas, da mitologia e do imaginário pernambucanos e, por essa razão, tão universais.

Conclusão

Mesmo ainda sem uma legitimação acadêmica ou institucional do termo Arte Senhorial, mesmo sem uma delimitação teórica mais exata do que seria uma Arte Senhorial - no que se refere a possíveis convergências estéticas, que podem se encontrar implícitas no conceito, uma vez compulsadas as obras - há balizas, notadamente de cunho sociológico, que atingem variáveis em vários campos e que nos levam à consideração de uma arte senhorial. Assim, a arte senhorial seria antagonista, ou ao menos contraposta, a uma arte burguesa, tendo seu arcaboço numa tradição que remonta às casas-grandes e atinge a sua expressão nos sobrados senhoriais. Desta forma, é uma arte com características nordestinas, mais ainda, pernambucanas. Mas, por gênese, atinge, como as grandes obras, a insígnia de universal, ultrapassando desde logo as dimensões dadas aos regionalismos menores, que ficam na esfera do folclórico, portanto, da paraliteratura. E não há dúvidas de que Gilberto Freyre, além de nos ter inspirado a expressão, é a figura mais emblemática desta plêiade.

Referências Bibliográficas

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo, Editora Record, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro — São Paulo, Editora Record, 2001.

PORTELLA, Eduardo. Gilberto Freyre e a renovação do romance brasileiro. In: AMADO, Gilberto et al. *Gilberto Freyre - sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de Casa-Grande & Senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. 576p.

MERQUIOR, José Guilherme. *Crítica. 1964 – 1989 Ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1990.

RIBEIRO, Darcy. Uma Introdução à Casa-Grande & Senzala. In: *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro – São Paulo. Editora Record: 2001.